

ELSINORE

JUDITH  
SCHALANSKY

O PESCOÇO  
DA GIRAFÁ

romance  
de formação



# ÍNDICE

**9**

Ecosistemas

–

**85**

Processos Hereditários

–

**175**

Teoria da Evolução

–

## ECOSSISTEMAS

— Sentem-se — disse Inge Lohmark, e a turma sentou-se. Disse: — Abram o livro na página 7 — e eles abriram o livro na página sete e depois começaram a ver os ecossistemas, os equilíbrios ecológicos, as dependências e correlações entre as espécies, entre os seres vivos e o seu ambiente, o sistema de causas e efeitos entre comunidade e espaço. Da cadeia alimentar da floresta mista passaram para a cadeia alimentar dos prados, dos rios para os mares e, por fim, para o deserto e para os baixios. — Como veem, ninguém, nenhum animal, nenhuma pessoa, pode existir por si só. Entre os seres vivos reina a competição. E, por vezes, também a cooperação. Mas a cooperação é mais rara. As formas mais importantes de vida em comunidade são a competição e a relação predador-presa.

À medida que Inge Lohmark desenhava setas no quadro ligando os musgos, os líquenes e os cogumelos às minhocas e aos lucanos, aos ouriços-cacheiros e aos musaranhos, depois ao chapim-real, à corça e ao açor, e, por fim, uma última seta apontando para o lobo, foi surgindo paulatinamente a pirâmide encimada pelo ser humano ladeado por dois predadores.

— De facto, não há nenhum animal que coma águias ou leões.

Recuou um passo para observar o amplo desenho a giz. O esquema de setas ligava produtores a consumidores de primeira, de segunda e de terceira ordens, bem como à inevitável minoria de decompositores, todos unidos pela respiração, a perda de calor e o aumento de biomassa. Na natureza tudo tinha o seu lugar, e, se não cada ser vivo, pelo menos cada espécie tinha o seu propósito: comer e ser comido. Uma coisa admirável.

— Copiem para o vosso caderno.

Os alunos obedeceram.

O ano começava agora. O sossego de junho chegara ao fim, o tempo do calor abafado e dos braços nus. O sol batia na fachada de vidro, fazendo da sala de aulas uma estufa. Nas mentes vazias germinava a expectativa do verão. Só de pensarem em passar os dias a não fazer nada, as crianças perdiam toda a concentração. Com olhos de piscina, pele oleosa e uma compulsão suada para a liberdade, espojavam-se nas cadeiras e passavam pelas brasas à espera das férias. Umavam ficavam erráticas e inimputáveis. Outras, por causa da avaliação iminente, fingiam-se submissas e pousavam os testes na secretária da professora como os gatos depõem ratos mortos no tapete da sala. Apenas para, na aula seguinte, perguntarem pelas suas notas e, de calculadora em riste, computarem avidamente, até à terceira casa decimal, a melhoria da sua média.

Mas Inge Lohmark não se contava entre os professores que, no final do ano escolar, se tornavam mais lenientes, apenas porque, em breve, perderiam os seus oponentes. Não tinha medo nenhum de, entregue a si mesma, resvalar para a irrelevância. Alguns colegas, conforme se aproximavam as férias de verão, eram acometidos por uma indulgência verdadeiramente

terna. As suas aulas degeneravam num vácuo teatro interativo. Um olhar sonhador aqui, uma palmadinha nas costas ali, muitos gestos fátuos de motivação, horas penosas a ver filmes. Uma inflação de boas notas, a alta traição ao *Muito bom*. E ainda o péssimo hábito de arredondar as notas finais de maneira que alguns casos perdidos conseguissem transitar para o ano seguinte. Como se isso ajudasse alguém. Os colegas simplesmente não entendiam que, interessando-se pelos alunos, apenas prejudicavam a própria saúde. Pois os alunos não eram mais do que sanguessugas que roubavam a energia vital aos professores. Que se alimentavam dos corpos dos professores, da sua autoridade e do medo de falharem enquanto responsáveis *in loco parentis*. Atacavam constantemente os professores. Com as suas perguntas absurdas, as suas mediócras intuições e confidências indigestas. O mais puro vampirismo.

Inge Lohmark já não se deixava comer viva. Era conhecida por ter as rédeas nas mãos e por manter a trela curta, tudo isto sem ataques de fúria e sem atirar molhos de chaves. E orgulhava-se disso. Uma vez dado o tom, podia sempre mostrar-se mais branda depois. Oferecer uma cenoura aqui e ali, de forma totalmente inesperada.

O mais importante era apontar o rumo aos alunos, pô-lhes antolhos que propiciassem a concentração. E quando se instalava a confusão, bastava-lhe arranhar o quadro com as unhas ou falar das ténias dos cães. Para os alunos, era incondicionalmente melhor sentirem a cada momento que estavam nas mãos da professora. Em vez de os fazer crer que tinham alguma coisa a dizer. Com ela não havia direito à palavra nem possibilidade de escolha. Ninguém era livre de escolher. Havia a seleção natural e nada mais.

O ano começava agora. Embora já tivesse começado havia muito. Para ela começava hoje, dia 1 de setembro, que este ano calhava a uma segunda-feira. E era agora, no verão que murchava, que Inge Lohmark declarava as suas resoluções, não na ofuscante noite de Ano Novo. Ficava sempre contente por a sua agenda escolar a transportar em segurança para lá da mudança de ano. Bastava-lhe folhear, sem contar badaladas nem brindar com espumante.

Inge Lohmark abarcou com o olhar as três filas de carteiras sem rodar a cabeça um centímetro sequer. Aperfeiçoara-o ao longo dos anos: o olhar parado, todo-poderoso. Segundo as estatísticas, havia sempre pelo menos dois alunos realmente interessados na disciplina. No entanto, a julgar pelo que tinha à sua frente, as estatísticas estavam em perigo. O que quer que dissesse a distribuição normal de Gauss. Como teriam conseguido chegar até aqui? Via-se neles as seis semanas de vadiagem. Nenhum abria os livros. Férias grandes. Não tão grandes como antigamente. Mas demasiado grandes mesmo assim! Precisariam de pelo menos um mês para se acostumarem de novo ao biorritmo da escola. Ao menos não tinha de ouvir as suas histórias. Podiam contá-las à Schwanneke, que, sempre que tinha uma turma nova, fazia um jogo para os alunos se conhecerem. Passada meia hora, todos os participantes estavam enredados nos fios de um novelo vermelho de lã e eram capazes de dizer os nomes e os passatempos dos seus vizinhos de carteira.

Só estavam ocupados lugares esparsos. O que tornava evidente como eram poucos. Um público parco no seu teatro da natureza: 12 alunos — cinco rapazes, sete raparigas. O décimo terceiro voltara para a escola técnica, ainda que a Schwanneke

se tivesse batido valentemente por ele. Com explicações particulares, visitas a casa e pareceres psicológicos. Um qualquer distúrbio da concentração. As coisas que não inventavam! Problemas de desenvolvimento simplesmente lidos por aí. Depois da dislexia, a discalculia. O que se seguiria? Uma alergia à biologia? Antigamente, só havia alunos sem jeito para o desporto ou para a música. E esses tinham, não obstante, de correr e de cantar com os outros. Era só uma questão de vontade.

Muito simplesmente não valia a pena arrastar os mais fracos. Não eram mais do que lastro a impedir o progresso dos outros. Reincidentes natos. Parasitas do corpo saudável da turma. Inevitavelmente, os mais burros ficariam pelo caminho. Era recomendável confrontá-los com a verdade o mais cedo possível, em vez de se lhes dar uma nova oportunidade a cada vez que falhavam. Confrontá-los com a verdade segundo a qual eles simplesmente não cumpriam os requisitos para serem um membro de pleno direito, e logo útil, da sociedade. Para quê a hipocrisia? Nem todos eram aptos. E porque haviam de ser? Todos os anos havia alunos imprestáveis. Com alguns já era uma sorte conseguir adestrá-los no exercício de algumas virtudes fundamentais. Boa educação, pontualidade, limpeza. Era lamentável que já não houvesse notas de comportamento. Ordem. Diligência. Cooperação. Conduta. Uma prova da pobreza deste sistema educativo.

Quanto mais tarde se vissem livres de um mau aluno, mais perigoso ele tornar-se-ia. Começaria a importunar os colegas e a fazer reivindicações injustificadas: notas finais apresentáveis, uma avaliação positiva, se calhar até um trabalho bem remunerado e uma vida feliz. O resultado de anos a fio de amparo, de uma benevolência míope e de uma magnanimidade

negligente. Quem instilava nos casos perdidos uma falsa sensação de pertença não se podia surpreender quando eles, por vezes, marchavam escola adentro com bombas-tubo e armas de pequeno calibre para se vingarem de tudo o que lhes fora sonegado depois de prometido ao longo de anos. A que se seguiam as manifestações de pesar com velas acesas.

Recentemente, todos insistiam na autorrealização. Era risível. Nada era justo, ninguém era justo. Desde logo a sociedade não o era. Talvez apenas a natureza. Não por acaso o princípio da seleção fizera de nós o que éramos hoje: o ser vivo com o cérebro mais profundamente estriado.

Mas a Schwanneke, com a sua fúria integradora, mais uma vez não largara o assunto. De resto, que mais esperar de alguém que formava letras com as filas de carteiras e semicírculos com as cadeiras: o grande *U* que por muito tempo envolveu a sua secretária. Mais recentemente o *U* passara a ser um *O* anguloso, de modo que todos estivessem ligados, sem princípio nem fim, apenas o momento circular, como ela certa vez anunciara na sala dos professores. Deixava que os alunos do décimo primeiro ano a tratassem por tu. Deveriam tratá-la por Karola, segundo Inge Lohmark ouvira uma aluna dizer. Karola! Valha-me Deus. Não estavam no cabeleireiro!

Inge Lohmark tratava os alunos na terceira pessoa a partir do nono ano. Era um hábito do tempo em que as crianças entravam oficialmente na juventude com essa idade. Junta-mente com o livro *O Universo, a Terra, o Ser Humano* e um ramo de cravos socialista. Não havia maneira mais eficaz de as recordar da sua imaturidade e de as manter à distância.

A proximidade, a compreensão, não faziam parte da relação profissional. Era patético, mas compreensível, que os alunos



se esforçassem por cair nas graças dos professores. Que ras-tejassem perante os detentores do poder. Mas era imperdoável que os professores se insinuassem junto de adolescentes. O rabo encostado à secretária. Modismos e palavras roubadas. Lenços garridos ao pescoço. Madeixas alouradas. Tudo para serem como eles. Sem dignidade. Desbaratavam um último resquício de decência por uma breve ilusão de camaradagem. Sobretudo, é claro, a Schwanneke com as suas favoritas: pirlhas sempre com segredinhos que a envolviam nas conversas dos intervalos, bem como as vítimas da mudança de voz, rapazes diante dos quais ela, de olhos arregalados e lábios pintados, fazia o mais reles espetáculo de estímulos-sinais. Com certeza não se olhava ao espelho há muito tempo.

Inge Lohmark não tinha favoritos, nem nunca teria. As paixonetas eram uma exuberância sentimental imatura e extraviada, uma exaltação hormonal mais própria de adolescentes. Que já tinham largado as saias da mãe, mas ainda não estavam à altura dos encantos do outro sexo. Um colega indefeso do mesmo sexo ou um adulto inacessível tornavam-se, à laia de substitutos, destinatários de sentimentos informes. Faces coradas. Olhos pegajosos. Nervos inflamados. Um lapso penoso que normalmente se resolvia por si quando as gónadas atingiam a plena maturidade. Mas, claro, quem não tinha competência científica só conseguia transmitir a matéria letiva com a ajuda de sinais sexuais. Estagiários bajuladores. Os chamados professores preferidos. A Schwanneke.

Ela a defender, na reunião de professores, o seu compromisso com os idiotas do oitavo ano. A testa franzida, a boca pintada de vermelho, exclamando diante dos colegas:

– Afinal, precisamos de cada um dos nossos alunos!

Só faltava que precisamente ela, que não tinha filhos, que recentemente fora abandonada pelo marido, se pusesse a dizer que as crianças são o nosso futuro.

Que grande futuro. Estas crianças não eram o futuro. Em boa verdade, eram o passado: diante dela estava o nono ano. Seria a última turma de nono ano do Liceu Charles Darwin e dentro de quatro anos os alunos fariam o exame final. E Inge Lohmark seria a diretora de turma. Do nono ano apenas. Já não precisavam de acrescentar letras, que antigamente iam de A a G. De ano para ano, os números diminuía como uma companhia em tempos de guerra. Só por um triz conseguiram formar uma turma. Quase um milagre, considerando que nesse ano se registara a maior quebra de natalidade da região. Já não havia alunos suficientes para as turmas dos anos seguintes. Nem mesmo depois de se ter dito à boca pequena que isso significava o fim do Liceu Charles Darwin e de os colegas das três escolas regionais terem sido generosos com as recomendações para que os seus alunos prosseguissem a sua escolaridade num liceu que lhes desse acesso à universidade. Em consequência, qualquer criança parcialmente alfabetizada vira a sua entrada no Liceu facilitada.

Sempre houvera pais convencidos de que os filhos deveriam ir para o Liceu, a despeito de todas as recomendações em contrário. Mas, entretanto, também já não havia pais suficientes na cidade.

Não, estas crianças não eram propriamente diamantes na coroa da evolução. Desenvolvimento e crescimento não eram a mesma coisa. Demonstrava-se aqui com assustadora clareza que a mudança qualitativa e a mudança quantitativa podiam decorrer de forma estritamente autónoma. Não era

bonito observar a natureza neste limiar indeciso entre a infância e a adolescência. Uma fase da evolução. Tetrápodes em crescimento. A escola, um cercado. Chegava agora o tempo mais difícil, era preciso arejar a sala de aulas para expulsar o cheiro desta faixa etária, almíscar e feromonas à solta, o confinamento, os corpos formando-se lentamente, fossas poplíteas suadas, a pele sebosa, os olhos mortiços, o crescimento imparável. Era muito mais fácil ensinar-lhes o que quer que fosse antes de atingirem a maturidade sexual. E um verdadeiro desafio discernir o que se passava por trás das obtusas fachadas: saber se estavam tão avançados que já não era possível apanhá-los ou se tinham ficado para trás por causa das grandes obras de remodelação em curso.

Faltava-lhes a consciência necessária do seu estado e a disciplina para o superar. Olhavam fixamente em frente. Apáticos, assoberbados, a braços consigo mesmos à exclusão de tudo o resto. Cediam à inércia sem resistir. A gravidade parecia agir sobre eles com o triplo da força. Tudo representava o mais extenuante esforço. Cada faísca de energia de que estes corpos dispusessem era consumida pela tormentosa metamorfose, que não ficava atrás da saída da lagarta do casulo. Em todo o caso, só muito raramente emergia uma borboleta.

A passagem à vida adulta exigia estas formas intermédias amorfas, nas quais as características sexuais secundárias cresciam como úlceras. Exibia-se aqui em *accelerando* como era árduo o processo de ser pessoa. Não era só a ontogénese que recapitulava a filogénese, também o fazia a puberdade. Eles cresciam. Dia sim, dia não. Com saltos e durante o verão, de tal modo que era o cabo dos trabalhos simplesmente reconhecê-los. Raparigas obedientes transformavam-se em bestas históricas



e rapazes atentos em fleumáticos proletários. Acresciam as tentativas canhestras na escolha de um parceiro. Não, a natureza não era original. Mas era justa. Era um estado semelhante à doença. Só se podia esperar que passasse. Quanto mais um animal podia crescer e viver, tanto mais se arrastava a sua juventude. Em média, eram precisos 18 anos até que um jovem humano soubesse cuidar de si. Wolfgang tivera de pagar pelos filhos do primeiro casamento até aos 27 anos.

Ali estavam eles, portanto, sentados à sua frente, os sanguíneos neófitos da vida. Afiavam os lápis e copiavam a pirâmide, as cabeças para cima e para baixo a cada cinco segundos. Ainda não formados, mas com uma naturalidade insolente, exigindo, desavergonhada e presunçosamente, serem reconhecidos como criaturas absolutas. Já não eram crianças, que se encostam a tudo e que, com os pretextos mais espúrios, calculam mal a distância entre indivíduos e forçam o contacto físico e fitam insolentemente os outros como os rufias do autocarro. Eram jovens adultos, capazes de se reproduzir, mas ainda verdes como fruta apanhada demasiado cedo. Aos olhos deles, Inge Lohmark era, sem dúvida, desprovida de idade. Era até provável que a vissem simplesmente como velha. Um estado que já não mudaria para os seus alunos. Quem era novo envelhecia. Quem era velho continuava velho. Havia muito que passara a meia-idade. Felizmente. Via-se assim pelo menos poupada a mudar consideravelmente aos olhos deles. Um pensamento tranquilizador. Ela, em contrapartida, veria estas pessoas crescer como antes vira outras. E este conhecimento dava-lhe poder. Agora ainda eram todos tão parecidos que os confundia, um bando a caminho da passagem de ano escolar. No entanto, muito em breve

tornar-se-iam perfidamente autónomos, farejariam o rasto e encontrariam cúmplices. E ela própria começaria a ignorar os cavalos coxos e secretamente apostaria num puro-sangue. Uma ou duas vezes tivera uma intuição certa. Descobrira um piloto, uma bióloga marinha. Nada mal para uma cidade de província.

Mesmo à frente estava sentado um miúdo assustado, o filho do pastor, que crescera com anjos de madeira, pingos de cera e aulas de flauta de bisel. Na última fila, estavam sentadas duas pirralhas aperaltadas. Uma mascava pastilha, a outra parecia hipnotizada pela sua crina preta, que alisava sem parar e examinava madeixa por madeixa. Ao lado, estava um rapazote de cabelo louro claro, tão enfezado que parecia um aluno da escola primária. Uma tragédia, o modo como a natureza exhibia aqui o desenvolvimento desigual dos sexos.

À direita, junto às janelas, um pequeno primata baloiçava-se na cadeira para trás e para diante, de boca aberta, à espera de marcar território com um dichote ordinário. Só faltava que começasse a bater com os punhos no peito. Era preciso ocupá-lo. Diante dela estava a folha na qual os alunos haviam registado o nome, garatujas a caminho de se tornarem uma assinatura legalmente válida. *Kevin*. Claro. Que outro nome havia de ser?

— Kevin!

Kevin sobressaltou-se e pôs-se em sentido.

— Diga dois ecossistemas da nossa região!

O rapaz à frente dele esboçou um sorrisinho. Não perdes pela demora.

— Paul, que árvore é aquela lá fora?

Paul olhou para a janela.

– Hum – tossicou pateticamente.

Quase dá pena.

– Obrigada.

Este estava arrumado.

– Isso ainda não demos – asseverou Kevin.

Não lhe ocorreu nada melhor. Um cérebro como um órgão oco.

– Ah, sim? – Agora para toda a turma. Ataque frontal. – Pensem todos na pergunta.

Silêncio. Por fim, o rabo de cavalo da primeira fila fez sinal, e Inge Lohmark obsequiou-o. Claro que ela sabia. Havia sempre uma assim. Um rabo de cavalo que puxava a carroça da aula para fora da poça de lama. Os manuais escolares eram escritos para estas raparigas precisamente. Ávidas de conhecimentos empacotados. Mnemónicas que apontavam nos cadernos com canetas brilhantes. Raparigas que ainda se deixavam intimidar pela caneta vermelha da professora. Um tonto instrumento de poder aparentemente ilimitado.

Conhecia-as a todas. Reconhecia-as de imediato. Já tivera montes de alunas destas, turmas inteiras de alunas destas, ano após ano. Não precisavam de imaginar que eram especiais. Não havia surpresas. Só mudava o elenco. Quem eram as atrizes desta vez? Bastava olhar para o mapa dos lugares. A denominação era tudo. Todos os organismos tinham um nome próprio e um apelido: Espécie. Género. Ordem. Classe. Mas primeiro ela só queria decorar os nomes próprios.

*Jennifer* Cabelo pintado de louro. Boca em forma de traço. Maturidade precoce. Egoaniaca de nascença. Sem perspectivas de melhoria. Uma medida de peito inescrupulosa, seios de competiçao.

*Saskia* Sem maquiagem, talvez até fosse bonita. Rosto regular, testa alta, sobrancelhas arranjadas e expressao estúpida. Cuidado compulsivo do pelo.

*Laura* Franja sem cor e demasiado comprida sobre as pálpebras descaídas. Olhos chorosos. Pele borbulhenta. Desprovida de interesses e ambições. Inconspícua como uma erva daninha.

*Tabea* Criança selvagem em calças esfiapadas e camisola esburacada. Proporções do rosto correspondentes ao esquema de Konrad Lorenz. Olhos de fera. Costas curvadas por escrever com a mão esquerda. Igualmente pouco promissora.

*Erika Erica* (lat.), Urze. Tristeza cultivada em postura curvada. Sardas sobre pele leitosa. Unhas roídas. Cabelo castanho desgrehado. Olho estrábico. Olhar firme, de lado. Cansada e ao mesmo tempo alerta.

*Ellen* Animal paciente e obtuso. Testa arqueada e olhar de coelho. Cara chorosa de ser gozada nos intervalos. Já supérflua como uma velha solteirona. Sacrificada em tempo de vida.



*Ferdinand* Criatura amigosa, mas errática. Olhos cavernosos. Vorticoso como um porquinho-da-índia abissínio. Entrou demasiado cedo na escola. Maturidade manifestamente tardia.

*Kevin* Sujo e gabarola. Penugem errática no lábio superior, rosto oleoso. Estúpido, mas desafiador — a pior combinação. Só sossega com alimentação constante. Grande carência de uma figura de referência. Moderadamente perturbado. Uma dor de cabeça.

*Paul* Adversário do Kevin, cachão de touro. Musculado, crescimento rápido. Natureza expressiva. Juba ruiva. Lábios bem irrigados com um sorrisinho permanente. O clássico: inteligente, mas preguiçoso. Resistente e amigo do risco.

*Tom* Presença física desagradavelmente pachorrenta. Olhos minúsculos num rosto obeso. Expressão vazia: ainda inteiramente atordoado da poluição noturna. Um proteu consegue ser mais bonito. Pouco provável que o progressivo crescimento venha a corrigir as infelizes proporções.

*Annika* Cabelo castanho apanhado numa trança, rosto aborrecido. Hiperambiciosa. Sem alegria, diligente como uma abelha. Ávida por ler à turma os seus trabalhos. Delegada de turma desde a nascença. Cansativa.

*Jakob* Filho de um pastor. Típico aluno da primeira fila. Peito enfezado. Estrábico apesar dos óculos. Dedos nervosos. Cabelo basto como o pelo de uma toupeira. Pele quase ofensivamente translúcida. Pelo menos três irmãos. Desprovido de malícia.

Era isto, portanto. Como sempre, sem grandes surpresas. A rapariga do rabo de cavalo já terminara. Mãos abertas sobre a mesa. Olhar fixo no quadro, hipnotizado.

Inge Lohmark aproximou-se da janela. Do sol morno da manhã. Que bem lhe sabia. As árvores já tinham começado a mudar de cor. A clorofila decomposta deixava o palco livre aos pigmentos brilhantes das folhas. Carotenoide e xantofila. As folhas dos castanheiros, de hastes compridas e devoradas por mineiras, tinham os bordos amarelos. Só de imaginar como as árvores se afadigavam com as suas folhas, de que em breve se separariam. Exatamente como ela enquanto profesora. Cada ano o mesmo. Havia mais de 30 anos. Sempre a começar do zero.

Eles eram demasiado novos para poderem apreciar a importância do conhecimento adquirido em conjunto. Não era de esperar que sentissem gratidão. Aqui tratava-se apenas de minimizar os danos. No melhor dos casos. Os alunos eram criaturas desmemoriadas. Todos eles um dia partiriam. E só ela ficaria para trás, sozinha, com as mãos secas do pó de giz. Nesta sala, aqui, entre a coleção de pósteres pedagógicos enrolados e a vitrina com materiais didáticos: um esqueleto com ossos partidos, modelos gordurosos de órgãos com lacerações na pele plástica e o texugo embalsamado com queimaduras no pelo, que olhava com olhos mortos para lá do vidro. Dentro em breve, poderiam fazer-lhe o mesmo a ela. Como o académico inglês que queria permanecer ligado à sua universidade mesmo depois da morte. E participar como múmia nas reuniões semanais. O seu último desejo foi atendido. Enfiaram-lhe o esqueleto dentro de roupas. Encheram-nas com palha. Embalsamaram-lhe o crânio. Mas qualquer coisa correu mal

no processo e tiveram de montar uma cabeça de cera sobre os seus restos mortais. Ela vira-o em Londres. Onde Claudia à época estudava. Sentado numa enorme caixa de madeira atrás de vidro. Com bengala de passeio, panamá e luvas de camurça verdes, muito parecidas com as que ela comprara na primavera de 1987 numa loja Exquisit. Por 87 marcos. Vladimir Ilyich dormia e podia sonhar com o comunismo. Mas este inglês estava de serviço até hoje. Dia após dia, observava os estudantes a caminho dos anfiteatros. A vitrina era a sua sepultura. E ele era o monumento a si mesmo. Vida eterna. Melhor do que doar órgãos.

— Os velhos — começou ela subitamente. — Os velhos lembram-se de quando andavam na escola mesmo quando já esqueceram tudo o resto.

Sonhava muitas vezes com os seus tempos de liceu. Sobretudo com o exame final. A branca que tivera então. E quando despertava levava sempre algum tempo a perceber que não precisava de ter medo. Que estava do outro lado, do lado da segurança.

Virou-se. Olhares estupefactos.

Tinha de estar sempre diabolicamente atenta. Se se distraía, começavam a discutir toda a espécie de disparates na aula. Preferências para o pequeno-almoço. As causas do desemprego. O enterro de animais domésticos. De repente, ficavam todos muito animados e a aula chegava ao fim. Era preciso estabelecer transições arriscadíssimas, era preciso regressar por braquiação aos ecossistemas, e as crianças ainda há pouco animadas ficavam logo de rosto vazio outra vez. A meteorologia era o mais perigoso. Bastava um salto de gato para passar da meteorologia ao bem-estar pessoal.

Mas da sua boca eles não saberiam nada. Nestas ocasiões, a única coisa a fazer era retomar o fio à meada onde ele se tinha perdido. Com acentuado vagar, regressou à secretária. Para longe das folhas multicores. Da fatídica observação do tempo. Fuga para a frente.

— Em certos casos, os pacientes de *alzheimer* e de demência não recordam os nomes dos filhos nem dos cônjuges, mas lembram-se da sua professora de biologia.

As más experiências são mais marcantes do que as boas.

— Um nascimento ou um casamento pode ser um acontecimento importante, mas não garante um lugar na memória.

O cérebro, uma peneira.

— Prestem bem atenção: nada é certo. Certo é o nada.

Agora até começara a tamborilar com o indicador na cabeça.

A turma observava com consternação.

Voltando ao livro.

— Existem cerca de dois milhões de espécies no mundo. E, se as condições ambientais se alterarem, elas correrão perigo.

Absoluto desinteresse.

— Conhecem espécies já extintas?

Uma mão-cheia de bracinhos no ar.

— Além dos dinossauros.

Os braços baixaram de imediato. Esta doença infantil. Não distinguem uma formiga de uma estrela, mas sabem recitar a taxonomia de grandes répteis extintos. Esboçar de cabeça um braquiossauro. Entusiasmo precoce pelo mórbido. Em breve, brincariam com pensamentos suicidas e, à noite, assombrariam cemitérios. Cortejar o além. Moda da morte, mais do que pulsão da morte.

– Por exemplo, o auroque. O cavalo selvagem euro-asiático, o grifo, o lobo-da-tasmânia, a alca-gigante, o dodó e... a vaca-marinha-de-steller!

Não faziam a mínima ideia.

– Um animal enorme que vivia no mar de Bering. O corpo pesava toneladas, a cabeça era pequena e os membros atrofiados. A pele tinha vários centímetros de espessura e ao tato era semelhante à casca de um carvalho velho. A vaca-marinha era um animal mudo. Não emitia um único som. Apenas quando era ferida, soltava um curto suspiro. Era mansa por natureza e gostava de se aproximar da margem, tornando-se fácil dar-lhe festas. Mas também matá-la.

– Como sabe isso com tantos pormenores? – perguntou Erika, assim sem mais, sem sequer levantar o braço.

A pergunta era legítima.

– Lendo Georg Steller, um naturalista alemão. Foi um dos últimos a vê-la viva.

Erika assentiu seriamente com a cabeça. Compreendera. O que faziam os pais dela? Antigamente, bastava um olhar ao livro de ponto. *Intelligentsia*, funcionários, operários, camponeses. Oficiais dos operários. Pastores da *intelligentsia*.

Ellen levantou o braço.

– Sim?

– O que foi que lhe fizeram?

Claro, pressentiu uma companhia de sofrimento.

– Comeram-na. Supostamente sabia a carne de vaca.

Vaca é vaca.

Mas agora de volta aos vivos.

– E que espécies estão ameaçadas de extinção?

Cinco braços levantados.

«Na natureza não havia injustiça. Não havia falta de *fair play*.  
Tudo era natureza. Estava na natureza das coisas. Quem  
sobrevive venceu. Não, na verdade não. (...)»

Inge Lohmark, professora no Liceu Charles Darwin na Alemanha de Leste, dedicou toda a sua vida ao ensino da biologia: a sua paixão e obsessão. Para Inge, fiel devota da Teoria da Evolução, que ela aplica em qualquer circunstância, os alunos e colegas não são mais do que espécimes biológicos, cujo comportamento é previsível à luz desta ciência, e o sistema de educação um mero reflexo da lei da sobrevivência do mais apto. No entanto, com a Reunificação, o próprio mundo de Inge está em vias de transformação: devido à fuga da população para o Ocidente, a escola vai encerrar por falta de novos alunos. Para piorar as coisas, Inge é incapaz de contrariar o despontar de um novo e inesperado sentimento por uma aluna, que perturba a ordem natural da sua existência. Forçada pelo meio ambiente a mudar ou a extinguir-se, a capacidade de adaptação de Inge será posta à prova, abalando profundamente todas as suas certezas.




Escrito com ironia e humor, *O Pescoço da Girafa* é o retrato psicológico e social em tom paródico de uma sociedade alemã em profunda transformação, e uma crítica velada a uma certa noção de progresso.

«Com este romance original, obstinado e incisivo,  
Schalansky posiciona-se com firmeza na dianteira  
da evolução literária.»

**FRANKFURTER ALLGEMEINE ZEITUNG**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt  
  penguinlivros

ISBN 9789896237660



9 789896 237660 >